

EDUCAÇÃO A SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO PESSOENSE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Anna Luísa Dantas Gualberto, Camila de Souza Brito, Dandara Souza Silva, Hugo Salvador de Medeiros Lopes Alves, Mayara Ellen de Macêdo Cordeiro, Maria Berthilde Moura Filha e Ivan Cavalcanti Filho

RESUMO: Localizados em trechos antigos de cidades tradicionais, os Centros Históricos constituem setores urbanos de grande importância por aglutinar numa mesma área marcos arquitetônicos e urbanísticos que denunciam a história e a identidade cultural de um povo. Não obstante, não há, pelo menos ao nível do Brasil, uma conscientização por parte da sociedade sobre o valor desse patrimônio, que passa despercebido, sendo alvo de intervenções degenerativas. Diante disso, a educação patrimonial figura como importante instrumento para coibir tais práticas nocivas à preservação da memória e da cultura. No caso específico da capital paraibana, uma das iniciativas do gênero foi a criação de um *website* com o propósito de catalogar e divulgar o patrimônio arquitetônico do Centro Histórico local. Trata-se de um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, cujos alunos integrantes têm como atribuição animar o sítio para torná-lo mais informativo no tocante ao patrimônio da cidade, e também atrativo para visualização e interação com internautas. A referida ferramenta de divulgação em massa cumpre com seu papel através de jogos interativos, fotografias antigas, vídeos de vivências e dados históricos de edificações. O projeto tem seu alcance ampliado na medida em que atinge um público presencial através da realização de oficinas para alunos das redes de ensino pública e privada, considerando a possibilidade de serem estes potenciais guardiões do patrimônio da cidade. Ao longo dos anos de existência do projeto, o mesmo tem lidado com dificuldades, principalmente aquelas de cunho financeiro, porém a sua proposta tem motivado tanto os docentes como os discentes a não capitularem do empreendimento extensionista. A confiança nos resultados anima os integrantes, que procuram adotar estratégias cada vez mais dinâmicas para concretizar a experiência, e tornar a iniciativa útil e eficaz. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar os meios através dos quais o projeto vem sendo desenvolvido tanto ao nível das mídias digitais, que precisam ser continuamente atualizadas, como das vivências em salas de aula, quando atinge diferentes públicos,

sempre com o propósito de valorizar e divulgar o patrimônio arquitetônico e urbanístico de João Pessoa.

Palavras-chave: Patrimônio. Educação patrimonial. Mídias digitais. Extensão universitária. João Pessoa.

INTRODUÇÃO

Atualmente é notório o estado de descuido porque passa o patrimônio histórico e arquitetônico das cidades tanto ao nível nacional, como ao nível local. Tal situação na verdade reflete o desconhecimento por parte da população, que, desinformada sobre o seu legado cultural, não toma nenhuma iniciativa no sentido de resguardá-lo. O Estado, que em tese, deveria promover ações nesse sentido, não cumpre seu papel de vetor preservacionista. Como solução para tal impasse, uma política de conscientização coletiva deve ser trabalhada para que as pessoas possam entender que “[...] os ambientes construídos pelos homens guardam, através de sua materialidade, a memória das ideias, das práticas sociais e dos sistemas de representação dos indivíduos que ali convivem” (ALMEIDA e BÓGEA, 2007). Uma vez consciente da importância do patrimônio para o seu desenvolvimento e evolução, o homem, enquanto ser social, começa a despertar para o sentimento de identidade com sua história local, para então se envolver com a problemática preservacionista e dar a sua contribuição através de atitudes participativas em ações de salvaguarda patrimonial.

Considerando esse cenário desolador em que o patrimônio sucumbe a cada intervenção inadequada que, por sua vez, contribui para seu completo arruinamento, foi criado um projeto de extensão universitária vinculado ao Programa de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, intitulado “Memória João Pessoa – Informatizando a história do nosso patrimônio”. O projeto tem como meta principal realizar ações de cunho educativo voltadas para a preservação do patrimônio arquitetônico da capital paraibana. O objetivo consiste em levar a informação e o conhecimento produzidos na academia para o restante da população, comumente leiga sobre o tema, mas que possui um papel fundamental na preservação desses bens.

Surge então o questionamento: como democratizar informações sem restringir o seu acesso apenas através do meio físico, principalmente hoje, quando os recursos digitais competem tão acirradamente com as formas tradicionais de produzir conhecimento? A resposta já está sugerida na própria pergunta: através dos recursos digitais. Foi através da

constatação de que a internet atualmente constitui o meio mais eficaz de divulgação de notícias e informações, que se elegeu esta como veículo do presente projeto. A ferramenta digital sugeriu a utilização de um *website*, face a possibilidade por ele ofertada de atingir um grande público de forma rápida e com baixo investimento financeiro. Esse processo caracteriza o histórico de criação do Memória João Pessoa, cujo conteúdo se volta para o acervo patrimonial da capital paraibana na tentativa de despertar em sua população a consciência e interesse em participar ativamente da “luta” em favor dos seus bens.

A ideia originária desse projeto está pautada nas Cartas Patrimoniais, documentos resultantes de encontros entre diversas entidades para discutir a temática do patrimônio e elaborar orientações a serem perseguidas. A primeira delas, a Carta de Atenas (1931), demonstra uma preocupação voltada para a necessidade de ações educativas, na medida em que “[...] emite o voto de que os educadores habituem a infância e juventude a se absterem de danificar os monumentos, quaisquer que eles sejam, e lhes façam aumentar o interesse, de uma maneira geral, pela proteção dos testemunhos de toda a civilização” (Carta de Atenas, 1931, p. 4). Seguindo a mesma, o Compromisso de Brasília, em 1970, retoma a discussão, dessa vez sugerindo medidas mais claras e diretas, ao destacar que:

Sendo o culto ao passado elemento básico da formação da consciência nacional, deverão ser incluídas nos currículos escolares, de nível primário, médio e superior, matérias que versem o conhecimento e a preservação do acervo histórico e artístico, das jazidas arqueológicas e pré-históricas, das riquezas naturais, e da cultura popular. (In. CURY, 2000, p. 138-139)

Na mesma época, em 1976, confirmando os valores defendidos em Brasília, foi lançada a Recomendação de Nairóbi, afirmando que: “A tomada de consciência em relação à necessidade da salvaguarda deveria ser estimulada pela educação escolar, pós-escolar e universitária e pelo recurso aos meios de informação” (In. CURY, 2000, p. 233). Nesses termos, fica claro que as ações voltadas para a educação patrimonial convergem para um ponto em comum: a necessidade da sua adoção por parte das instituições de ensino, de modo que todas as pessoas, independentemente da idade, cor ou sexo, sejam informadas sobre a importância de conservar o patrimônio a fim de que sua memória seja preservada.

Considerando tais prerrogativas, à medida que o projeto tomava vulto, surgiu a necessidade de expandir sua linha de atuação, transformando a página virtual em plataforma base para uma atuação presencial aplicada em escolas públicas e privadas da cidade, alcançando jovens do ensino fundamental ao médio, além de jovens-adultos. Assim, foram pensadas as oficinas através de dinâmicas, buscando criar uma

aproximação maior com o cotidiano dos alunos participantes, e trazer resultados satisfatórios ao lidar diretamente com esse público, composto pelos potenciais futuros guardiões do patrimônio.

METODOLOGIA

No tocante aos métodos adotados para colocar o projeto em prática, um de grande peso é aquele de estar sempre atualizando e “alimentando” o *website*, através da produção de conteúdos resultantes de pesquisas relativas ao patrimônio histórico, sobretudo da cidade de João Pessoa. Nesse sentido, são realizadas discussões entre membros da equipe sobre possíveis materiais que possam enriquecer o corpo da plataforma digital. Produzir conteúdo, seja ele em forma de textos, vídeos explicativos, curiosidades ou jogos interativos, é um dos processos basilares para a manutenção do projeto.

A divulgação do trabalho acontece por meio das redes sociais e através das oficinas ministradas em escolas. O *Instagram* e *Facebook*, são ferramentas eficientes e de fácil manuseio que facilitam a visualização e propagação do nome e imagem do projeto em maior escala no município. Já a iniciativa para a realização das oficinas presenciais parte da ação independente dos membros da equipe em buscar diretores ou autoridades em instituições de ensino, a fim de obter permissão e espaço para o desenvolvimento das mesmas. A sua divulgação nas redes sociais se torna imprescindível para apresentar ao público virtual todos os meios de atuação do projeto, tanto de caráter virtual e acessível a todos, quanto de caráter presencial, com alcances pontuais, cada um com seu grau de importância.

DISCUSSÕES

O *website*, a solução encontrada para transmitir conteúdos de forma mais eficaz, foi estudado e planejado desde os primeiros anos do projeto de extensão, há cerca de dez anos, e o seu contínuo desenvolvimento e conseqüente aperfeiçoamento permitiu que fosse criada uma identidade dinâmica, a qual propicia maior interação com os usuários.

A plataforma digital tornou possível “alimentar” o *website* através da inserção de diversos conteúdos produzidos na universidade com a temática patrimonial. Dessa forma, foram criados vários *links*, tendo em vista o público variado que se esperava atingir. Existem, por exemplo, *links* com o foco mais acadêmico, nos quais a linguagem dos conteúdos

pode ser mais formal e com o maior número de informações possíveis para que possa servir como fonte de pesquisas. Por outro lado, também estão disponíveis *links* mais lúdicos através dos quais o público infanto-juvenil é capaz de aprender e absorver os conteúdos através de jogos. Ademais, há áreas em que os assuntos são abordados a partir da exploração de fotografias, vídeos e relatos que repassam as vivências da população junto à cidade.

Com relação à realização das oficinas, inicialmente é feita uma introdução conceitual cujo meio de interação ocorre em forma de conversa, na qual a equipe procura reconhecer as primeiras impressões das turmas por meio de perguntas como “O que é patrimônio?” Ou “Quais os tipos de patrimônio?”. As respostas, ou a ausência delas, são desenvolvidas ao longo da oficina para que possa ser traçada uma abordagem referente às mesmas, além de indagações feitas pelas turmas. Em seguida, é feita a apresentação do *website*, momento em que a equipe mostra as diferentes áreas que podem ser exploradas virtualmente e enfatiza a possibilidade do mesmo ser utilizado para pesquisas, visto que o material disponível é fruto de estudos de professores e alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB. Todavia, a área que as turmas mais jovens demonstram mais interesse é certamente a de jogos, o que é visto como ponto positivo na medida em que através destes é possível, igualmente, transmitir conhecimento.

No final da apresentação do *website*, a plateia é informada sobre a existência de uma página na rede social *Facebook*, e uma conta no aplicativo *Instagram*, pois esses novos recursos digitais viabilizam uma aproximação do projeto com seus visitantes/usuários, criando um vínculo menos formal e, ao mesmo tempo, mais eficaz no cotidiano.

O último segmento das oficinas é uma dinâmica realizada através de um jogo de tabuleiro, o qual contém curiosidades relativas à alguns dos pontos turísticos e históricos mais emblemáticos de João Pessoa. Esse recurso é aplicado para as turmas de ensino fundamental, enquanto que para as turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos), é reproduzido um vídeo da área de vivências históricas, ou retratando a memória social. Essas diferentes formas de abordagem de conteúdo são consideradas mais pertinentes para cada público e sua respectiva faixa etária.

A partir do trabalho realizado nestas diferentes turmas de estabelecimentos de ensino das redes pública e privadas, pode-se elencar alguns pontos importantes relativos aos diferentes estágios de carência identificados: o primeiro aponta que são nas escolas

públicas que se encontra a maior incidência de crianças que frequentam e vivenciam os lugares apresentados relativos ao Centro Histórico de João Pessoa. O contrário se aplica aos alunos de escolas particulares, já que os mesmos dificilmente transitam no Centro.

Complementando o dado supracitado está o fato de os estudantes da rede pública pouco conhecerem da história da cidade e do seu patrimônio, apesar de vivenciarem o mesmo com frequência, enquanto que os estudantes das redes particulares demonstram ter um conhecimento básico consideravelmente maior acerca dos monumentos. Tal quadro é preocupante, pois as crianças, que são as futuras guardiãs do patrimônio, pouco (ou nada) sabem sobre o significado dos edifícios e do meio urbano, e sobre a importância da sua preservação como registros de uma época. As crianças mais esclarecidas e de maior poder aquisitivo, por pouco utilizarem o espaço, crescem com a tendência de marginalizar os centros históricos pelo fato de constituírem um setor onde os maiores frequentadores são pessoas de baixa renda, que, em tese, seriam um risco no tocante à segurança do local. É possível ainda notar que muitas vezes há uma desvalorização do patrimônio local e até nacional por parte dessas crianças, a exemplo de um comentário ouvido pela equipe durante uma oficina, quando um jovem falou que só via valor nos bens de Portugal, onde já havia morado, pois lá era “onde tinha cultura”.

Além disso, há o desafio de desconstruir a ideia de que o bem tombado retarda o desenvolvimento de uma cidade. É necessário, sim, destacar o argumento de que a sobrevivência de um edifício histórico deve estar intrinsecamente atrelada ao seu uso, ou seja, o monumento devidamente utilizado por si só já será preservado.

Saindo do espectro de oficinas, o Memória João Pessoa encontra dificuldades para manter seu projeto de caráter pedagógico, principalmente pela falta de apoio da instituição à qual está vinculado – a Universidade Federal da Paraíba – pois a equipe é reduzida e há ainda a falta de investimento em capacitação para o trabalho interdisciplinar que envolve *marketing*, computação, incentivos à participação, *social media* e, sobretudo transporte dos voluntários aos locais das oficinas – que por muitas vezes ocorrem em locais distantes do campus. Aliado a isto, há a dificuldade fora do âmbito da academia, referente a conseguir e entrar em contato com escolas que se interessem pelo programa, além da falta do *feedback* de algumas instituições após serem contatadas.

RESULTADOS

Ao se trabalhar com educação patrimonial, há duas importantes tarefas: perceber o nível de conhecimento do público-alvo, e, a partir desse dado, transmitir novos saberes com uma linguagem compatível com o seu grau de apreensão. Desse modo, é possível garantir que haja algum aprendizado adquirido a partir daquele momento.

Com as oficinas, pode-se observar uma discrepância entre os alunos do ensino público e privado (como já foi exposto acima), o que define o foco da apresentação, variando de acordo com os espectadores. No entanto, independentemente do nível de aprendizado dos alunos participantes, a estratégia que se mostra fundamental para o bom funcionamento da ação é o modo didático e interativo de transmitir as informações, *modus operandi* este que busca criar um ambiente propício para que os jovens se sintam confortáveis em participar, relatando seus conhecimentos prévios e vivências, e tirando suas dúvidas acerca do patrimônio. Essa realidade motiva os membros participantes a continuar o trabalho, ao perceber que, mesmo irrisória, a existência do sentimento de preservação se faz presente por parte desses estudantes.

É gratificante e satisfatório ouvir alguns comentários do tipo “é importante preservar o patrimônio para que os nossos filhos tenham aonde brincar, e possam ver as nossas histórias”. É dessa forma que se percebe que algo foi somado na vida dessas pessoas com o trabalho do Memória João Pessoa, e que com o provável comentário feito entre eles e seus familiares, a divulgação continua a acontecer.

Outro tipo de público-alvo que deve ser ressaltado é aquele do EJA (Jovens Adultos). Tal grupo, por já ter mais idade, em algum momento vivenciou as edificações e o Centro Histórico no seu período áureo, e, por isso, através de seus relatos de experiência, contribuem com informações às oficinas ministradas. Várias vezes tais alunos identificam os prédios apresentados com nomes e usos distintos, o que gera contentamento na equipe do projeto ao constatar que tais edifícios estão presentes na memória desses moradores da cidade de João Pessoa.

Com relação ao público virtual do projeto, percebe-se que, em grande parte, o mesmo é composto por alunos de ensino médio e de graduação que precisam da informação para realizar trabalhos acadêmicos. Observa-se que pouca informação histórica da cidade é relatada nas mídias virtuais, e, devido a este fator, o *website* entra como uma das fontes

principais de conhecimento histórico acessível para todos aqueles que fazem uso da ferramenta.

CONCLUSÃO

Fica assim registrada uma breve análise sobre a vivência de participantes de um projeto de extensão que, apesar de enfrentar dificuldades no seu percurso, tem obtido resultados satisfatórios. A carência de suporte da Universidade Federal da Paraíba para manutenção da iniciativa e a falta de apoio financeiro são dois grandes obstáculos que tornam difícil o crescimento do projeto, porém o entusiasmo da equipe e o suporte financeiro dos professores que o coordenam, mantém vivo esse trabalho que, por onde passa, tem seu reconhecimento. Exaltar a educação patrimonial em tempos de degradação de desvalorização de centros históricos é algo imprescindível para manter a identidade de nossa cultura para gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eneida de, e BÓGEA, Marta. **Esquecer para preservar**. Vitruvius 091.02, dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.091/181>

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas Patrimoniais**. Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional, 2000. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>

DANTAS, Fabiana Santos. **O Direito Fundamental à Memória**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim, CLEROT, Pedro, BEZERRA, Juliana, e RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>

FRATINI, Renata. **Educação patrimonial em arquivos**. Histórica Revista Eletrônica, janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materiais/antiores/edicao34/materia05/>

OLIVEIRA, Fernanda Rocha, e MOURA FILHA, Maria Berthilde. **Novas práticas de educação patrimonial: do virtual ao real**. In Tolentino, Átila Bezerra (Org.) Educação patrimonial: reflexões e práticas. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=30&busca>

SOCIEDADE DAS NAÇÕES. **Carta de Atenas**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1931. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>